



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM



MARIANA PINI-FERNANDES

**O ORADOR INOVADO:
O *ETHOS* DO *HOMO NOVVS* NO *BRVTVS* DE CÍCERO**

CAMPINAS

2011

MARIANA PINI-FERNANDES

O ORADOR INOVADO:
O *ETHOS* DO *HOMO NOVVS* NO *BRVTVS* DE CÍCERO

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras - Português.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Aurelio Pereira

CAMPINAS
2011

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marcos Aurelio Pereira, pela instigante e diligente e orientação, pelo acolhimento e, principalmente, pela confiança em mim e neste trabalho.

Ao meu namorado, Lenon Rogério de Melo Franco, por me fazer acreditar em mim mesma todos os dias, pelas inúmeras conversas (tão profícuas a esta monografia) e por compartilhar tão docemente cada momento da vida comigo.

Aos meus pais, Marlene Pini e Marçal Fernandes, por terem acreditado nas minhas escolhas, pelos anos de infinita dedicação, pelo incentivo sempre e amor incondicional.

À minha irmã, Daniela Pini Fernandes, por ser minha companheira em todos os momentos, pela paciência, e simplesmente por alegrar cada dia da minha vida.

À minha avó por ter sido sempre tão ativa na minha formação, por me apoiar e me defender.

Aos membros da banca, Profa. Dra. Elaine Cristine Sartorelli e Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos, por aceitarem tão prontamente serem interlocutores desta monografia.

A todos os professores de Letras Clássicas do Instituto de Estudos da Linguagem, com os quais pude descobrir os encantos dos estudos da Antiguidade: Prof. Dr. Marcos Aurelio Pereira, Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos, Profa. Dra. Isabella Tardin Cardoso, Profa. Dra. Patricia Prata, Prof. Dr. Flávio Ribeiro de Oliveira e Prof. Dr. Trajano Augusto Ricca Vieira.

Aos colegas da área de Letras Clássicas por terem feito parte ativamente da minha trajetória até aqui, especialmente à Carol Martins da Rocha, Esther Ferreira Alves e Beatris Ribeiro Gratti.

Aos meus demais parentes e aos amigos queridos, que puderam compreender tantas vezes a minha ausência e mesmo assim se mantiverem ao meu lado, sempre me incentivando.

RESUMO:

Esta monografia é dedicada ao exame da última parte do diálogo *Brutus*, de Marco Túlio Cícero. Trata-se de observar as articulações estabelecidas pelo retórico e filósofo latino em sua apresentação da síntese da história da arte ou técnica oratória. Está em questão, sobretudo, estudar sua tentativa de se inscrever como um dos pilares (o mais eminente deles) do percurso da cultura romana. Pensar a questão do *homo nouus* é, para nós, fundamental para observar as estratégias finais do diálogo, uma vez que Cícero converte seu próprio nascimento, isento de “fidalguia”, em vantagem para sua autoconstrução ética durante toda a trajetória de sua carreira. Para o orador, situar-se nessa obra como foz da eloquência (trecho mais caudaloso e conclusivo de seu curso histórico) significa, no contexto da ditadura de Júlio César, interpretar sua própria atividade em Roma como auge e fim de sua cultura. Sustentamos que na inovação da perspectiva de *Brutus* jaz o tratamento evolutivo de uma *ars* ou *tekhne*. Essa elaboração serviu de base às subseqüentes histórias de diferentes artes, pois a periodização depende de um olhar que valorize numa prática específica o seu desenrolar de “novidades gradativas”. Sua organização da linha evolutiva, como argumentaremos, baseia-se duplamente na noção de *nouitas*: enquanto abordagem inédita da progressão do desenvolvimento da retórica e como afirmação de seu autor no estatuto de “homem novo”. Nosso estudo da última parte da obra será oportunidade, deste modo, para analisar de que forma foi possível que esse “homem novo”, feito mais de talento e oratória que de ascendência natural, sustentasse, nos últimos anos da República Romana, sua posição de herdeiro legítimo e último da mais alta tradição oratória.

Palavras-chave: Cícero – *Brutus* – Retórica – *ethos* – *homo nouus*.

ABSTRACT

This study aims to examine the last part of the dialogue *Brutus*, by Marco Tulio Cicero. We observe the articulations by this Latin rhetorician and philosopher in his presentation of a synthesis of a history of oratorical art or technique. It is our interest, above all, to study his attempt to inscribe himself as one of the pillars (the most important among them) of the Roman culture. To think the question of the *homo nouus* is fundamental, in order to observe the ending strategies of the dialogue, since Cicero converts his own birth, exempt of nobility, to an advantage in his ethic self-construction throughout his career. To the orator, to put himself in the work as the river mouth of eloquence means, during Caesar's dictatorship, to understand his own activity in Rome as the apex and conclusion of his culture. We sustain that innovation, in Brutus's perspective, is in its evolutionary treatment of an *ars* or *tekhne*. This elaboration gave basis to subsequent histories of other arts, for periodization depends on a kind of look that recognizes, in a specific practice, a development of "gradual novelties". The organization of the evolutionary line, as we sustain, is based doubly in *nouitas*: as a new approach of progression in rhetoric's development and as affirmation of the author in a status of "new man". Our study of the ending part of the work will give opportunity to an analysis in relation to how was it possible that this "new man", made rather of talent than of natural ascendancy, could sustain, in Republic's last years, his position as the ultimate heir to the highest oratorical tradition.

Cicero - Brutus - Rhetoric - ethos - homo nouus

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. ESTUDO	
2.1. <i>BRVTVS</i> : HISTÓRICO E SUMÁRIO	12
2.2 O CONCEITO DE <i>ETHOS</i> EM CÍCERO.	16
2.3 GENEALOGIA DO TALENTO: O <i>HOMO NOVVS</i> CICERONIANO NO <i>BRVTVS</i>	28
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

1. INTRODUÇÃO

O *Brutus*¹ foi provavelmente composto nos primeiros meses do ano 46 a.C.², período em que se dá a campanha de César na África. Esse empreendimento das armas romanas terá fim com a derrota do exército de Pompeu em Tapso e o suicídio de Catão³, sogro e grande amigo de Bruto, em Útica.

Segundo a interpretação de Cícero, a consequente ditadura de César representou um período de expressivo declínio da eloquência e, consequentemente, de seu emprego nas atividades do fórum: em razão do fim da antiga constituição e do decreto de César que baniu as discussões livres, houve restrição da liberdade política e numerosos oradores se calaram em decorrência da guerra civil. Aqueles que restaram se silenciaram, visto que o domínio de César significou a extinção de todos os debates políticos⁴. A eloquência perde, dessa forma, muito de sua função.

Assim, é possível julgarmos que Cícero quisesse representar tal declínio da eloquência no *Brutus* através da morte do áugure Hortênsio⁵, a quem dirige elogios póstumos (*laudationes funebres*) no início da obra (§ 1-9)⁶. O riquíssimo advogado e

¹ O título da obra muitas vezes vem também acompanhado de um subtítulo, tanto *de illustribus oratoribus* quanto *de oratoribus claris*. *Illustribus* aparece no códice Mutinense e *claris* no Vaticano Latino 3238 e no Laudense. Contudo, é provável que Cícero tenha se referido a esse livro apenas por *Brutus* (Cf. Coria, 2004 e Martha, 2002), como podemos observar na seguinte passagem do *De divinatione*, 2, 4: *cumque Aristoteles itemque Teophrastus, excellentes viri tum subtilitate tum copia, cum philosophia dicendi etiam praecepta coniunxerunt; nostri quoque oratorii libri in eundem numerum referendi videntur: ita tres erunt de Oratore, quartus Brutus, quintus Orator* (“assim como Aristóteles e Teofrasto, homens excelentes tanto em sutileza quanto em abundância, uniram os preceitos da eloquência à filosofia, do mesmo modo, nossos livros de oratória parecem incluí-los em um mesmo número: serão, assim, três os livros *De oratore*, o quarto o *Brutus* e o quinto o *Orator*”). Salvo outra indicação, a tradução dos trechos citados é de nossa autoria).

² Cf. Robinson, 1951, pp. 137-146.

³ Trata-se de Catão, o Jovem, interlocutor de Cícero no *De finibus*, que se teria suicidado em abril de 46 a.C. Sendo assim, o *Brutus* pode ter sido escrito apenas um mês antes da morte de Catão (cf. Douglas, 1973, p. IX, *apud* Narducci, 2006, p. 12).

⁴ Cf. Narducci, 2009, p. 162.

⁵ Narducci (2009, p. 162) se refere ao *Brutus* como uma “sorte di ‘epitáfio’ della vicenda lunga e gloriosa dell’oratoria repubblicana”, (“uma espécie de “espítáfio” da longa e gloriosa história da oratória repubblicana”) e afirma ainda que essa é uma interpretação bastante frequente (2006, p. 6).

⁶ A história da eloquência é apresentada na obra como uma espécie de “epitáfio” da oratória repubblicana (cf. Narducci, 2002, p. 401).

também ilustre orador é considerado por Cícero o retrato de um cidadão bom e sábio, além de ideal da eloquência num Estado livre⁷ e, por isso, sua morte representava para o Arpinate uma grande perda, como podemos observar na seguinte passagem:

Além da grande falta de cidadãos sábios e bons, aumentava o meu pesar o fato de que um homem distinto e muitíssimo ligado a mim pela grande afinidade de opiniões tenha falecido num momento muito adverso à República, deixando a triste falta não só de sua autoridade, mas também de sua prudência (...). Com efeito, se Q. Hortênsio estivesse vivo talvez desejasse, com o restante dos cidadãos bons e valentes, as demais coisas. Contudo, suportaria, mais do que os outros ou com poucos, esta dor de ver o fórum do povo romano, o qual havia sido quase um teatro de seu engenho, despojado e privado da sua voz erudita, digna dos ouvidos gregos e romanos⁸.

Paralelamente, as tendências oratórias estavam passando por profundas transformações, firmavam-se novas orientações para o atticismo, com maior simplicidade e concisão que sua versão precedente. Essas novas inclinações conflitavam com a oratória ciceroniana, caracterizada pela abundância de rebuscamentos da forma – produto de sua herança asianista. A eloquência de Cícero era acusada, portanto, de ser redundante e prolixa (*copia uerborum*) e de estar mais voltada aos efeitos do ritmo e da sonoridade⁹.

⁷ May, 2007, p. 257.

⁸ *Augebat etiam molestiam quod magna sapientium ciuium bonorumque penuria uir egregius coniunctissimusque mecum consiliorum omnium societate alienissimo rei publicae tempore extinctus et auctoritatis et prudentiae suae triste nobis desiderium reliquerat (...). Etenim si uiueret Q. Hortensius, cetera fortasse desideraret una cum reliquis bonis et fortibus ciuibus, hunc autem aut praeter ceteros aut cum paucis sustineret dolorem cum forum populi Romani, quod fuisset quasi theatrum illius ingeni, uoce erudita et Romanis Graecisque auribus digna spoliatum atque orbatum uideret* (Brutus, 2, 6).

⁹ Sobre isso, Narducci (2009, p. 161) afirma: “Forse la voga dell’atticismo, e del modello di Lisia, non era priva di connessione con le condizioni di uno periodo in cui la dittatura di Cesare aveva praticamente soffocato la grande oratoria politica, che era il ‘genere’ nel quale meglio trovavano spazio gli ‘slanci’

Receoso de que sua fama de grande orador se eclipsasse, Cícero se volta, então, ao exercício do seu ideal de *otium cum dignitate*¹⁰ e, no ano 46 a.C., o Arpinate dá início à segunda fase¹¹ de sua produção, voltando-se à teorização da arte oratória. Durante esse período, Cícero escreve dois textos importantes em resposta às críticas dos jovens aticistas e dedicados a M. Júnio Bruto¹²: *Brutus* e *Orator*.

Cícero, homem novo¹³, que chegara ao consulado¹⁴ em 63 a.C. após derrotar adversários como Caio Antônio Híbrida e Lúcio Sérgio Catilina – homens de origem nobre e descendentes de famílias tradicionais de ex-cônsules –, dedica os últimos parágrafos de sua obra à sua própria figura histórica.

É nesse trecho que o Arpinate conta, em primeira pessoa, os feitos que o fizeram não só chegar ao consulado, mas ao posto de maior orador da cultura romana, sempre comparando sua trajetória pública, e também privada, com a das figuras mais importantes e influentes da “nobreza” republicana, especialmente Hortênsio. Em uma

dell'eloquenza di stile elevato”. (“Talvez a moda do aticismo, e do modelo de Lísias, não estivesse destituída de ligação com as condições de um período no qual a ditadura de César tinha praticamente sufocado a grande oratória política, que era o “gênero” no qual os “impulsos” da eloquência de estilo elevado melhor encontravam espaço”).

¹⁰ O *otium cum dignitate* representava, durante a República, o momento de pausa das atividades ligadas ao fórum; seria, portanto, a tranquilidade obtida após o cidadão ter-se ocupado de todos os trabalhos que a cidade dele exigisse. Ele alcançaria, assim, a *dignitas*. Cícero defende, contudo, que o *otium* não deve ser tomado como sinônimo de inatividade, mas de tranquilidade para se dedicar a outras ocupações, principalmente àquelas de caráter intelectual (Pita, 2010, p. 37).

¹¹ Cf. Paratore, 1987.

¹² Diferentemente do herói apresentado por Plutarco, encontramos, no epistolário ciceroniano, um Bruto “ávido de dinheiro e corrompido pelos compromissos com o capitalismo oligárquico” (Paratore, 1987, p. 219).

¹³ Trataremos desse conceito mais aprofundadamente ao longo de nosso estudo. Por ora, adiantamos que a expressão latina *homo nouus* dizia respeito àqueles que, não tendo origem “nobre” nem histórico de cônsules na família, chegavam, todavia, ao consulado. Durante a história da República romana poucos foram os *homines noui*; antes de Cícero, o último “homem novo” a se tornar cônsul foi Caio Célio Caldo, cerca de trinta anos antes (em 94 a.C.).

¹⁴ O consulado representava o mais alto cargo do *cursus honorum* romano. Eram eleitos dois cônsules por ano e cada um ocupava o cargo por um período de apenas um ano, não havendo, em geral, reeleição. Os casos de Crasso e Pompeu, que exerceram o consulado duas vezes (em 70 e em 55 a.C.), e de Júlio César, que permaneceu no cargo por três anos consecutivos (de 46 a 44 a.C.), são exceções.

passagem importante do diálogo, o Arpinate retoma um trecho de uma carta escrita a ele pelo jovem Bruto¹⁵ e diz:

Contudo, conforto-me com estas consolações que tu, Bruto, me deste na tua agradabilíssima carta: expressavas que era necessário que eu fosse forte, uma vez que eu tinha empreendido feitos que falavam sobre mim, ainda que eu próprio estivesse em silêncio, e que viveriam após a minha morte¹⁶.

A importância dos feitos do orador, e também de sua eloquência, para suas conquistas, enquanto “homem novo”, havia sido mencionada ainda em outro momento em *Commentariolum petitionis* – manual que teria sido escrito por seu irmão, Quinto¹⁷, no momento da campanha eleitoral de Cícero ao consulado. Nesse manual se apresenta uma série de conselhos para que o futuro cônsul obtivesse sucesso nas eleições. Seria, portanto, através do prestígio alcançado como orador que o autor do *Brutus* compensaria sua condição de *homo nouus*¹⁸.

O *Brutus* representa também um importante papel na inovação de certa forma de escrita, já que, como afirma Narducci, antes dessa obra, “não foi possível apontar

¹⁵ Em 74 a.C. Para Narducci (2006), trata-se, talvez, de uma espécie de “manifesto” político, embora para alguns possa dizer respeito ao tratado *De uirtute*.

¹⁶ (...) *tamen ea consolatione sustentor quam tu mihi, Brute, adhibuisti tuis suauissimis litteris, quibus me forti animo esse oportere censebas, quod ea gessissem, quae de me etiam me tacente ipsa loquerentur uiuerentque mortuo* (...) (*Brutus*, 330).

¹⁷ Sobre a autenticidade desse manual, ver, por exemplo, Fedeli, 2006, p.11 e Prost, 2009, p.3.

¹⁸ Quinto diz: “A condição de “homem novo”, você compensará principalmente com seu prestígio como orador. A eloquência teve, sempre, enorme importância. Não é possível que alguém digno de atuar como advogado de cônsules seja considerado indigno do consulado” (“*Nominis nouitatem dicendi gloria maxime subleuabis. Semper ea res plurimum dignitatis habuit. Non potest qui dignus habetur patronus consularium indignus consulatu putari*”; (*Commentariolum Petitionis*, I, tradução Ricardo da Cunha Lima).

modelos literários precisos para um diálogo que tem como tema a evolução histórica de uma *ars*¹⁹”.

Como observado antes, *Brutus* é o primeiro exemplo, que chegou a nós, de uma obra que estabelece a periodização em sua construção narrativa, recurso este que se tornou posteriormente comum na *tradição* literária europeia, como podemos observar em nota de Dugan²⁰:

Embora a *Poética* de Aristóteles contenha traços de uma ideia de desenvolvimento evolutivo da literatura (...), o *Brutus* é o primeiro exemplo que se manteve de história de uma arte na tradição europeia que usa a periodização. O diálogo de Cícero influenciou diretamente a explicação monumental dessa ideia no Renascimento com *As vidas dos mais excelentes pintores, escultores e arquitetos* de Giorgio Vasari²¹.

O *Brutus* é um diálogo²² no qual Ático, correspondente de Cícero e autor de *Liber annalis*, serve como avaliador, por assim dizer, da precisão do diálogo histórico, ao passo que Cícero demonstra estar disposto a sacrificar a precisão histórica em

¹⁹ “(...) non è stato possibile indicare precisi modelli letterari per un dialogo avente come materia l’evoluzione storica di un’ars” (Narducci, 2009, p. 162).

²⁰ Dugan, 2005, p. 172-173 (nota 3).

²¹ “Though Aristotle’s *Poetics* contains traces of an Idea of evolutionary development of literature (...), the *Brutus* is the first sustained example of a history of an art in the European tradition that uses periodization. Cicero’s dialogue directly influenced the monumental explication of this idea in the Renaissance with Vasari’s *Lives*”.

²² A produção dialógica de Cícero se inicia com os três livros do *De oratore* e pode ser agrupada em duas grandes classes de acordo com Hendrickson (1906, p. 186): “(I) dialogues, the dramatic setting of which lies wholly in the past; (II) dialogues, contemporary with the time of the writer, in which he himself participates. In this class I shall differentiate again between expressions of obligation (a) attributed to other interlocutors, and (b) those which the author himself, as a speaker in the dialogue, makes.” (“(I) diálogos, a ambientação dramática daquilo que está inteiramente no passado; (II) diálogos, contemporaneamente ao tempo do escritor, em que ele mesmo participa. Nesta classe eu distinguiria novamente entre expressões de obrigação (a) atribuídas a outros interlocutores e (b) aquelas criadas pelo próprio autor, enquanto personagem no diálogo”). O *Brutus* faria parte, então, do segundo grupo por ser um diálogo passado num momento contemporâneo ao autor e do qual ele mesmo também participa.

vantagem dos efeitos retóricos²³. Diferentemente, Bruto²⁴, personagem, estaria exercendo o papel da audiência, sem muitas caracterizações.

A presente pesquisa está, portanto, estruturada em duas partes fundamentais: i) um breve estudo sobre a noção de *ethos* na antiguidade, principalmente em Cícero e ii) um exame da ideia de “novidade” (*nouitas*) no *Brutus*. Para tanto, pareceu-nos útil realizar algumas subdivisões. Dessa forma, nossa contribuição conta com um “histórico e sumário”, que procura situar o texto ciceroniano em suas condições sócio-históricas de produção. Em seguida, trataremos introdutoriamente da questão do *ethos*, e mais especificamente do *ethos* do *homo nouus* na obra, uma noção que frequentemente se torna um *topos* retórico na obra ciceroniana e do qual infelizmente não conservamos nenhuma definição inequívoca, mas cujos usos e valores podemos retraçar. Por fim, apresentaremos uma abordagem preliminar da noção de “novidade” no texto e pretendemos nesse capítulo revistar trechos concretos de *Brutus* cuja observação retórica exemplifique e dê fundamento às hipóteses levantadas no capítulo anterior.

Por fim, nossas “Considerações finais” farão um balanço do percurso do estudo e poderão indicar, com vistas a futuras contribuições, quais questões relevantes foram encontradas em nossa contemplação desse texto de Marco Túlio Cícero.

²³ Isso também pode ser observado numa importante carta que Cícero escreveu a seu amigo Luceio em que diz: *Itaque te plane etiam atque etiam rogo, ut et ornēs ea uehementius etiam, quam fortasse sentis, et in eo leges historiae neglegas* (Ad Fam. V, 12, 3) (“E assim eu não apenas te peço, mas peço encarecidamente que tu as **ornamentos** com mais veemência do que talvez sintas e nisso negligencies as leis da história”. Grifo nosso.)

²⁴ Como Bruto esteve sob a tutela de Cícero durante o triênio que precede a morte de César, uma interpretação bastante difundida na historiografia contemporânea (Balsdon, 1958, p. 91 e Douglas, 1966, p. 233 *apud* Narducci, 2006, p. 8) afirma que o cesaricídio teria sido estimulado por Cícero, que ao revocar a Bruto os mais rígidos princípios da moral e ao incitá-lo a renovar as glórias de seus antepassados, estaria estimulando-o a fazê-lo por meios violentos. Segundo Paratore (1987, p. 220), a afinidade profunda de Cícero com Bruto “é testemunhada pelo facto de este, ao arrancar do corpo de César o punhal ensanguentado, ter pronunciado o nome de Cícero; e é um episódio dos mais significativos na história das ideias em Roma no período decisivo de seu desenvolvimento”.

2.1. *BRUTVS*: HISTÓRICO E SUMÁRIO

O diálogo se passa em um cenário contemporâneo aos seus interlocutores²⁵ (Cícero, o próprio escritor; Ático²⁶, seu amigo e confidente; e Bruto²⁷, a quem o diálogo é dedicado). A obra se inicia com o lamento de Cícero pela morte do grande orador Quinto Hortênsio²⁸, homem que deveria ser considerado por Cícero um pai²⁹ de acordo com a tradição dos áugures.

Amigo e rival do autor, Hortênsio morreu alguns anos antes da composição desse diálogo. Para Cícero, o momento da morte de seu colega de profissão fora mais propício ao falecido que aos seus contemporâneos, pois Hortênsio teria sido, deste modo, privado da dor de presenciar a voz dos oradores banida do fórum romano em função da ditadura de César³⁰, como podemos observar nesta passagem do *Brutus*:

Uma vez que ele, porém, depois de desfrutar de uma contínua sorte, deixou a vida em um momento mais oportuno a si do que aos seus concidadãos e, então, faleceu no memento em que poderia mais facilmente lamentar – se estivesse vivo – do que ajudar a República; ele viveu tanto quanto lhe foi possível viver bem e afortunadamente na nossa cidade. Lamentemos pela

²⁵ O diálogo teria sido escrito no início de 46 a.C. (cf. Robinson, 1951, p. 137-146).

²⁶ Tito Pompônio Ático (110-32 a.C.), assim como Cícero, pertencia à ordem equestre. Por ter vivido durante muito tempo em Atenas, adquiriu o cognome Ático. Sempre recusou os cargos políticos e durante a vida se ocupou das letras, tendo sido o primeiro editor de Roma.

²⁷ Marco Júnio Bruto (82-42 a.C.) era filho do tribuno da plebe em 83 a.C. Depois da morte de seu pai, é adotado pelo tio Quinto Servílio Cepião (*Quintus Servilius Caepio*). Estudou Retórica e Filosofia em Atenas e em 53 a.C. torna-se questor na Cilícia. Embora tenha sido partidário de Pompeu durante a guerra civil, consegue o perdão de César e é durante sua ditadura que Bruto assume o cargo de governador da Gália Cisalpina e, logo em seguida, de pretor urbano. Teve papel fundamental no cesaricídio nos idos de março de 44 a.C.

²⁸ Quinto Hortênsio Hórtalo (114-50 a.C.), cônsul e posteriormente líder dos *optimates*, foi o orador mais importante de Roma antes da ascensão de Cícero. Expoente do estilo asianista de eloquência, Hortênsio assume a defesa de Caio Licínio Verres, perdendo para Cícero, que se encontrava na posição de acusador (cf. Cícero, *In Verrem*).

²⁹ Sobre isso Cícero afirma: *ex quo augurum institutis in parentis eum loco colere debebam* (“Segundo as tradições dos áugures, eu o deveria respeitá-lo como um pai”) (*Brut.* § 1).

³⁰ Depois da derrota pompeiana em Farsália, Cícero se exila em Brindisi por cerca de um ano até receber o perdão de César. Voltando a Roma, retoma seus estudos e o *Brutus* é a sua primeira obra nesse período. Para Douglas (1973, p. 9, *apud* Narducci, 2006, p. 12), Cícero teria terminado de escrever esse diálogo um mês antes do suicídio de Catão.

nossa desgraça e prejuízo, se assim é necessário; contudo, acompanhemos a oportunidade de sua morte mais com benevolência do que com misericórdia: assim, cada vez que pensamos sobre esse homem muitíssimo ilustre e afortunado, pareceremos estimá-lo mais do que a nós mesmos³¹.

Enquanto Cícero se lamentava, caminhando em seu jardim³², Marco Bruto e Tito Ático vão ao seu encontro. Ele agradece, então, a presença dos amigos e principalmente as cartas que estes lhe haviam enviado e que o fizeram retornar aos seus antigos estudos. Há um escrito, em especial, que o Arpinate destaca como sendo o grande responsável por ter-lhe devolvido o leite e a saúde: o *Liber annalis* de Ático. Tratava-se, ao que parece, de um manual³³, que compreendia sete séculos de história através de minuciosas listas de magistrados, leis e diversos acontecimentos importantes ligados às famílias tradicionais, mas que não chegou aos nossos dias.

Aludindo a uma máxima de Hesíodo³⁴, Cícero promete ao amigo que lhe retribuirá com um presente à altura. Nesse contexto, Bruto confere a si a obrigação de cuidar que o orador cumpra a promessa feita a Ático. Este, por sua vez, diz que, da mesma forma, exigirá de Cícero algo anteriormente prometido a Bruto: uma nova obra, já que, desde a publicação dos livros *De re publica* em 51 a.C., o orador de Arpino não havia escrito mais nada. Uma vez que foram as próprias obras de Cícero que teriam inspirado Ático a escrever o *Liber annalis*, este e Bruto passam a exigir que Cícero

³¹ *Sed quoniam perpetua quadam felicitate usus ille cessit e uita suo magis quam suorum ciuium tempore et tum occidit cum lugere facilius rem publicam posset, si uiueret, quam iuuare uixitque tam diu quam licuit in ciuitate bene beateque uiuere, nostro incommodo detrimentoque, si est ita necesse, doleamus, illius uero mortis opportunitatem beneuolentia potius quam misericordia prosequamur, ut, quotienscumque de clarissimo et beatissimo uiro cogitemus, illum potius quam nosmet ipsos diligere uideamur* (*Brutus*, 4).

³² O diálogo se passa na casa do próprio Cícero em Roma.

³³ Ático dizia crer, contudo, que seu livro não apresentava muitas coisas novas a Cícero, que, contudo, refuta-o, dizendo: *Ille uero et noua, inquam, mihi quidem multa et eam utilitatem quam requirebam, ut explicatis ordinibus temporum uno in conspectu omnia uiderem*. (“Digo que, em verdade, aquele – o *Liber annalis* – seguramente apresentava muitas coisas novas para mim e a utilidade que eu buscava era esta: eu veria tudo, uma vez que postas em ordem as épocas, em uma única olhada”) (*Brutus*, 15).

³⁴ Segundo Narducci (2006, p. 106 nota 20), Cícero aqui faz menção da seguinte máxima de Hesíodo: τὸν φιλέοντα φιλεῖν, καὶ τῷ προσιόντι προσεῖναι (“Ama a quem te ama e frequenta a quem te frequenta”; *Os trabalhos e os dias*, v. 349, 2006).

desse continuidade à história dos oradores, que começara a narrar a Bruto em Túsculo. É dessa forma, portanto, que Cícero inicia sua descrição sobre o desenvolvimento da eloquência romana como “uma ascensão através das gerações (...); seu propósito é, antes de tudo, destacar quão lentamente à eloquência se conferiu estrutura e forma de *ars*”³⁵.

Os oradores descritos na obra representam as figuras de maior importância na vida política de Roma desde o período em que se dão as Guerras Púnicas – com Lúcio Júnio Bruto³⁶ – até o período da guerra civil³⁷, que culmina com o próprio Cícero.

Para a composição dessa obra, Cícero teria tido que enfrentar o trabalho preliminar de rastrear textos de inúmeros discursos para caracterizar adequadamente os oradores do passado. A dificuldade residia principalmente no fato de, até meados do segundo século a.C., a eloquência ser considerada, sobretudo, uma *performance* oral³⁸. Provavelmente, o autor também se confrontou com a grande dificuldade de organizar a história da eloquência de acordo com um quadro cronológico confiável. Para tanto, Cícero teria seguido como modelo o já citado *Liber annalis* de Ático³⁹.

No *Brutus*, Cícero organizou a ordem dos oradores em congruência com suas *aetates*, que levam o nome de suas figuras mais proeminentes (como Catão, Galba, os

³⁵ “(...) una penosa ascesa attraverso le generazioni (...); suo proposito è piuttosto sottolineare con quanta lentezza l’eloquenza si sia data struttura e forma di *ars*” (Narducci, 2006, p. 56-57).

³⁶ Considerado o fundador da República Romana, teria sido o principal responsável pela queda do regime monárquico. Segundo Dionísio de Halicarnasso (IV, 15.12-15), Lúcio Júnio Bruto, vendo toda sua família sendo morta pelo tirano Tarquínio, conseguiu sobreviver ao último rei de Roma passando-se por louco e por isso teria sido apelidado *brutus*. O rei Tarquínio adota, assim, Lúcio Bruto para que este pudesse divertir seus dois filhos. Um dia, os filhos do rei são mandados ao oráculo de Delfos para saberem quem seria o próximo governador de Roma e L. Bruto os acompanha para distraí-los durante a viagem. O oráculo responde, então, que o próximo a governar Roma seria aquele que primeiro beijasse a sua mãe. Os filhos do rei combinam, portanto, beijar a mãe ao mesmo tempo; já Lúcio Bruto teria interpretado o oráculo de maneira diferente e ao regressar à Itália teria beijado seu solo, por considerá-la a mãe comum a todos os homens. Cícero afirma no *Brutus* que Lúcio Júnio Bruto seria o primeiro da nobre família de Marco Júnio Bruto.

³⁷ Contudo, a obra começa narrando o nascimento da eloquência em Atenas no século IV a.C. com Pisístrato, Sólon e Clístenes (§27).

³⁸ Poucos eram os oradores que nesse período escreviam seus próprios discursos; em alguns casos, os discursos eram escritos apenas em forma de esboço (*commentarii*) (cf. Narducci, 2002, p. 403).

³⁹ Cf. *Brutus*, 13-14.

Graco⁴⁰ etc.). O autor afirma, através de Bruto, que o seu objetivo no diálogo teria sido *oratorum genera distinguere aetatibus*.

Se isso lhe parece pouco pertinente a esta discussão, Bruto, põe a culpa em Ático, que me acendeu o desejo de perseguir as épocas e os tempos dos homens ilustres. Bruto disse: “em verdade, eu me deleito com esta, poderíamos dizer, notação dos tempos e acredito que esta diligência está adequada ao que estabeleceste: **distinguir por épocas os gêneros oratórios**”⁴¹ (grifo nosso).

Segundo Narducci⁴², no período mais recente à escrita da obra, o autor parece seguir um método mais preciso, empregando, primeiramente, uma ordem baseada no cargo mais alto do *cursus honorum* – primeiro vinham, portanto, os cônsules e depois os não-cônsules –; em seguida, baseando-se na data de nascimento dos oradores individualmente ou numa cronologia inferida a partir de suas carreiras como magistrados⁴³.

⁴⁰ Até os irmãos Graco (*Brutus*, 79), os oradores menores são agrupados em torno das figuras principais numa ordem mais ou menos cronológica (cf. Narducci, 2002, p. 403).

⁴¹ *Haec si minus apta videntur huic sermoni, Brute, Attico assigna, qui me inflammauit studio illustrium hominum aetates et tempora persequendi. Ego uero, inquit Brutus, et delector ista quasi notatione temporum et ad id quod instituisti, oratorum genera distinguere aetatibus, istam diligentiam esse accommodatam puto* (*Brutus*, 74).

⁴² *Ibid.*, p. 403-404.

⁴³ Cf. Sumner, 1973.

2.2 O CONCEITO DE *ETHOS* EM CÍCERO

Sabe-se pouco sobre os genitores de Cícero: é possível que seu pai tenha sido um fulão⁴⁴ (isto é, um tipo de artesão têxtil) ou descendente de um príncipe que governou os volscos⁴⁵. De acordo com as mesmas fontes, sua mãe teria sido uma rica herdeira a quem seus textos conservados nunca se referiram. De toda forma, Cícero não destaca sua história familiar ao lançar sua candidatura consular e ao conceber seu *ethos* oratório. Diversamente, Cícero afirma ser um *homo nouus*: sua fama foi conquistada por seu peculiar talento (*ingenium*) e suas virtudes próprias, não por meramente cantar os louros de sua linhagem.

Em seu pequeno tratado (*Commentariolum petitionis*), o irmão de Cícero, Quinto, o teria exortado a partir do conselho de superar a sua **novidade** em sua campanha eleitoral. Para ele, o irmão deveria apoiar-se em sua fama de grande orador, uma vez que a eloquência sempre tivera enorme prestígio na sociedade romana. Quinto apresenta o conselho para Cícero não como uma desmistificação do seu segredo eleitoral em Roma, mas como um esboço de manifestação da realidade:

(...) Praticamente todos os dias, quando estiver indo para o fórum, você deve lembrar: “Sou um homem novo, quero o consulado, aqui é Roma”. A condição de “homem novo” você compensará principalmente com seu prestígio como orador. A eloquência teve, sempre, enorme importância. Não é possível que alguém digno de atuar como advogado de cônsules seja considerado indigno do consulado. Portanto, já que você usou essa fama como trampolim e tudo o que você é deve a isso, trate de se apresentar

⁴⁴ Apoiado em Caleno, o autor de *De uiris illustribus* sugere (LXXXIII) que o pai de Cícero tenha também cultivado uvas e azeitonas. De qualquer maneira, só há referência a atividades modestas.

⁴⁵ A *Geographia* de Estrabão especifica que os volscos instituíram um estado soberano próximo a Roma (cf. Livro V, III). Eusébio e Eustáquio também defendem a versão do ascendente real de Cícero.

muito bem preparado para os discursos, como se em cada um dos processos estiver em julgamento toda sua capacidade⁴⁶.

É célebre a configuração patriarcal da estrutura familiar da Roma antiga: o *pater familias* era sem dúvida uma figura investida de decisão e relevância (*patria potestas*), a quem cabia a liberdade sobre a vida e a morte dos moradores de sua casa, tais como sua esposa, seus filhos e seus escravos. Nesse contexto, a ideia de um *homo nouus* naturalmente não deve ser pensada como a negação desse patriarcalismo, mas antes como o desvio da importância de seu pai: Cícero prefere não evocar sua família como componente relevante de seu caráter. Isso quer dizer que o conceito de patrício, cuja etimologia remete à paternidade e à pátria, é afastado em seu discurso para fazer emergir preferencialmente a ideia de nobreza, noção dotada de uma raiz latina bastante diferente, o arcaico *gnobilis*, de *noscere*, “conhecer”. Assim, o chamado príncipe da romana eloquência não seria um “fidalgo”: sua celebridade não está em seu berço, pois estaria mais ligada ao talento e à virtude individuais.

Para modalizar as considerações apresentadas e lhes dar precisão, seria importante advertir que esse orador romano não se compõe como uma entidade *ex nihilo*. Com efeito, o homem novo pertence a uma linhagem num sentido eloquente, e não natural: Cícero descenderia de cada um dos grandes homens da arte retórica e é isso que ele parece querer expressar no *Brutus*. Tal estratégia lhe permite, colateralmente,

⁴⁶ (...) *Prope cottidie tibi hoc ad forum descendenti meditandum est: "Nouus sum, consulatum peto, Roma est." Nominis nouitatem dicendi gloria maxime subleuabis. Semper ea res plurimum dignitatis habuit; non potest qui dignus habetur patronus consularium indignus consulatu putari. Quam ob rem quoniam ab hac laude proficisceris et quicquid es ex hoc es, ita paratus ad dicendum uenito quasi in singulis causis iudicium de omni ingenio futurum sit.* (*Commentariolum Petitionis*, I, tradução Ricardo da Cunha Lima).

censurar os nobres – aos quais ele não reclama consanguinidade, diferentemente de muitos de seus opositores⁴⁷.

De fato, ao narrar sua trajetória enquanto orador no *Brutus*, o Arpinate confere o êxito de sua eloquência à insistência em adestrar-se produzindo diariamente declamações e à sua constância em estudar as mais diversas disciplinas, sem nunca desfazer-se de seus exercícios oratórios.

Durante cerca de três anos, Roma ficou sem portar armas; contudo, em decorrência da morte, do exílio ou da fuga de oradores (pois também estavam longe jovens como Marco Crasso e os dois Lêntulos), Hortênsio atuava nas causas mais importantes, diariamente Antístio era aprovado mais e mais, Pisão falava com frequência, Pompônio com menos frequência, Carbão raramente e Filipo não falou mais que uma ou duas vezes. No entanto, de fato, em todo esse tempo eu me ocupava dias e noites do estudo de todas as disciplinas. Eu estava com o estoico Diodoto (...). Dedicava-me a esse mestre e às suas muitas e diversas artes de tal modo que não havia um só dia que eu ficasse sem exercícios oratórios⁴⁸.

⁴⁷ “Since he lacks the familial models of the aristocracy, Cicero constructs his own making. In an earlier speech within the collections of orations against Verres Cicero offers an extended argument that the great nobles of Rome’s past are not exemplars simply for their descendants, but for all Romans.” (Dugan, p. 11.) (“Uma vez que lhe faltam os modelos familiares da aristocracia, Cícero constrói sua própria autoria. Num discurso precedente, nas colações de orações contra Verres, Cícero oferece um extenso argumento de que os grandes nobres do passado romano não são exemplares meramente para seus descendentes, mas para todos os romanos”).

⁴⁸ *Triennium fere fuit urbs sine armis, sed oratorum aut interitu aut discessu aut fuga (nam aberant etiam adulescentes M. Crassus et Lentuli duo) primas in causis agebat Hortensius, magis magisque cotidie probabatur Antistius, Piso saepe dicebat, minus saepe Pomponius, raro Carbo, semel aut iterum Philippus. At uero ego hoc tempore omni noctes et dies in omnium doctinarum meditatione uersabar. Eram cum Stoico Diodoto (...). Huic ego doctori et eius artibus uariis atque multis ita eram tamen deditus ut ab exercitationibus oratoriis nullus dies uacuum esset (Brutus, 308-309).*

Do início ao término de seus serviços à República romana, a trajetória pública do Arpinate coincide com a definição de seu *ethos* enquanto orador, ou antes, aquele do orador excelente⁴⁹.

Apesar da explícita referência no *Brutus* à figura de Platão⁵⁰, seu diálogo teria sido escrito mais *Aristotelico more*⁵¹, seguindo a tendência de seus outros diálogos retóricos⁵². Sendo assim, acreditamos ser importante traçar, neste momento, um breve panorama sobre a ideia de *ethos* na antiguidade, mais especificamente em Platão e Aristóteles, para posteriormente podermos confrontá-la com o que observamos em Cícero, em especial no trecho que é objeto deste estudo.

O *ethos* foi um elemento essencial e permanente na arte oratória, uma vez que todo empreendimento verbal que intenta produzir convicção evolve, de certa forma, a apresentação de um caráter. No caso específico da oratória, a *persona* do orador sempre exerce grande influência no auditório.

É bastante célebre o tratamento dado ao tema pelo Sócrates de Platão, sobretudo no diálogo *Górgias*: o mestre de Aristóteles destitui a retórica de sua alegada utilidade para a pólis. Sócrates opõe o orador e o filósofo relativamente aos produtos de suas atividades, pois que a filosofia, em contraste com a doutrina de Górgias, traria à luz a

⁴⁹ Cf. *Orator* e *De Oratore*.

⁵⁰ *Brutus*, 24.

⁵¹ Em uma carta de 54 a.C. a Cornélio Lêntulo Espínter, Cícero afirma ter escrito os três livros que compõem o *De oratore* em forma de discussão dialógica à maneira de Aristóteles (Cf. Cícero, *Ad fam.* I, 9, 23).

⁵² Sobre isso, Narducci (2002, p.402) afirma: “Apesar dessa referência explícita a Platão, o *Brutus* prossegue em seu desenvolvimento de maneira mais semelhante à forma “aristotética” de diálogo: em vez de um encontro próximo entre três personagens marcados pela interação animada, Cícero prefere uma exposição contínua, na qual o tratamento que ele desenvolve é interrompido apenas raramente pelas intervenções breves dos outros interlocutores”. (“In spite of this explicit reference to Plato, *Brutus* proceeds in its development in a manner more akin to the ‘Aristotelian’ form of dialogue: rather than a close encounter between three characters marked by lively interaction, Cicero prefers a continuous exposition, wherein the treatment that he unfolds is interrupted only rarely by the brief interventions of the other interlocutors”).

verdade. Afinal, Sócrates considera que o orador não produziria um objeto que lhe fosse específico.

Em outros escritos platônicos, no entanto, podemos retrair uma função menos demeritória para a eloquência: no *Fedro*, por exemplo, o fundador da Academia concede à retórica o estatuto de arte ou técnica quando apoiada no conhecimento verdadeiro (*episteme*).

Fedro é um diálogo da maturidade de Platão e foi composto muitos anos após a conclusão de *Gorgias*, à mesma época em que o filósofo estava às voltas com sua *República*. A retórica emerge enquanto tema naquele texto sobre o amor depois que Sócrates expressa uma bela fala a respeito da amizade. Após ouvi-la, Fedro a considera superior aos discursos que Lísias, o grande retórico aticista, poderia fabricar. Essa é, portanto, a oportunidade para Sócrates investigar a natureza da retórica: ela seria necessária para persuadir os ouvintes, e mesmo um conhecedor da verdade seria incapaz de produzir convencimento se não conhecesse a arte da persuasão.

Em outro contexto, Platão sugere que o *ethos* de uma *persona* tem seu apoio na comunidade, isto é, na polis, na cidade; dessa maneira, os feitos da pessoa e de seus familiares são orientes para seu efeito sobre a audiência. Lísias, por exemplo, é referido por Fedro a Sócrates não apenas por seu nome, mas igualmente através da identificação do nome de seu pai. Lísias recebe, assim, parte de seu *ethos* porque sua família é reconhecida na cidade.

Para Platão, um bom orador não deveria apenas possuir um bom *ethos*, deveria ainda estar atento à sua audiência para adaptar a ela seus argumentos, certificando sua

benevolência. O fundador da Academia defendia ainda a necessidade de o orador ter um amplo conhecimento da filosofia⁵³.

O *ethos* platônico, que estaria ligado ao caráter e à maneira de ser do orador⁵⁴, difere da concepção de Aristóteles sobre o mesmo aspecto da retórica. O filósofo de Estagira considera que o caráter ético do orador nasceria prevalentemente de sua própria oratória, de maneira que poderíamos metaforicamente considerá-lo endógeno – porque nascido de dentro do discurso – em oposição ao *ethos* de Platão, cujas fontes, como vimos, seriam tanto o mundo exterior quanto interior ao *logos*.

Em sua *Retórica*, Aristóteles define o *ethos* diferentemente como a credibilidade oratória, estipulando que o orador para ser persuasivo deveria construir no discurso um *ethos* que pareça ter três qualidades: bom senso, bom caráter e boa vontade⁵⁵. A meta de criar o *ethos* seria alcançada principalmente através do uso de eventos narrativos que permitam à audiência conhecer melhor o orador por meio de sua eloquência.

Apesar de os antigos gregos estabelecerem técnicas persuasivas que eram baseadas nessa apresentação do caráter de quem fala, Aristóteles parece ter sido o primeiro a fazer uma análise do *ethos* e de sua relevância na arte oratória⁵⁶.

A inovação de Aristóteles em relação a seus predecessores foi, portanto, sua elaboração de um sistema de três *pisteis* (provas)⁵⁷, isto é, fontes de demonstração e de persuasão retórica⁵⁸. Aristóteles chamou essas três fontes de *entechnoi* – artísticas ou

⁵³ Cf., por exemplo, *Fedro*.

⁵⁴ Cf. *República*, VI, 490c.

⁵⁵ Cf. *Retórica*, II, 1378a.

⁵⁶ May, 1988, p.1.

⁵⁷ Manuel Alexandre Junior, à nota 15 de sua tradução da *Retórica* (2006, p. 92) de Aristóteles, afirma “(...) *pisteis* tanto significa lealdade, fé, confiança, como significa evidência ou prova digna de fé, e as variantes específicas de natureza mais lógica ou psicológica que essas provas podem assumir”.

⁵⁸ Antes dele, os elementos da persuasão eram suprimidos das partes particulares do discurso (May, p. 2).

entécnicas⁵⁹ –, uma vez que é o próprio orador que as inventa e porque elas podem ser ensinadas. Elas são derivadas de três componentes do discurso: o orador, a audiência e o próprio discurso em si. A primeira delas é o *ethos*, que diz respeito à representação do caráter moral do orador no discurso. A segunda é o *pathos*, que é produzido pelo orador no intuito de colocar seus ouvintes em certo estado de espírito, movendo-lhes os afetos. A última é o *logos*, que diz respeito ao discurso em si. Para o Estagirita, o *ethos* tinha, dessa forma, um *status* equivalente ao *logos* e ao *pathos*⁶⁰.

Em face desses dois pólos, Cícero enfatiza a importância da perspectiva platônica, pois o discurso lhe parece insuficiente para a contemplação do *ethos*: ele devia muito à demonstração das ações do orador enquanto homem. Isso parece caracterizar um afastamento da concepção aristotélica, que situa o texto como a única origem do *ethos* de seu autor. No entanto, como poderemos argumentar, não é impreciso ver coincidências entre as duas concepções.

Como observamos anteriormente, o próprio Cícero afirma escrever à maneira de Aristóteles. Em uma importante passagem do *De oratore*⁶¹, Cícero, através de Antônio, esboça as principais tarefas do orador. A reformulação da fundação de *pisteis* a partir da terminologia latina é destacada por May:

Aqui encontramos, reformulada na terminologia latina, o fundamento triádico de *pisteis* sobre o qual Aristóteles baseou seu trabalho na oratória:

⁵⁹ Nomenclatura utilizada por autores como May, *op.cit.*, e Kennedy, 1998, p. 82.

⁶⁰ “As provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar” (Aristóteles, 1356a, tradução Manuel Alexandre Junior, 2006, p. 96).

⁶¹ “Dessa forma, todo o método do discurso está ligado a três elementos para que atinja a persuasão: **provar ser verdadeiro o que defendemos, cativar os ouvintes, provocar em seus ânimos qualquer emoção que a causa exigir**” (*Ita omnis ratio dicendi tribus ad persuadendum rebus est nixa: ut probemus uera esse, quae defendimus; ut conciliemus eos nobis, qui audiunt; ut animos eorum, ad quemcumque causa postulabit motum, uocemus.* (*De oratore* 2,115, tradução de Adriano Scatolin, 2009, grifos nossos).

ethos = “cativar os ouvintes”; *pathos* = “provocar em seus ânimos qualquer emoção que a causa exigir”; e *logos* = “provar (...) o que defendemos”. As três tarefas necessárias ao orador, *probare/docere*, *conciliare/delectare* e *mouere*, são repetidamente mencionadas por Cícero (...) e elas quase podem ser consideradas como o princípio formador de seu sistema retórico⁶².

Nosso interesse neste pequeno excurso se justifica pelo fato de o diálogo *Brutus* ser um exemplo rigoroso do entrelaçamento entre a vida de Cícero e seu caráter enquanto orador. Na condição de “homem novo”, o Arpinate poderia simplesmente abster-se do tema das boas famílias, mas seu *ethos* torna proveitoso esse traço de sua existência. O autor inclui numerosas informações favoráveis sobre si mesmo em sua história da retórica; isso lhe concederia credibilidade tanto à luz do conceito de *ethos* platônico quanto daquele definido por Aristóteles.

Na Roma republicana, o caráter de um cidadão tinha papel fundamental tanto na sua vida privada quanto na sua vida pública, influenciando, assim, consideravelmente, a oratória latina. Os romanos acreditavam não só que o caráter permanecia essencialmente constante em um homem, determinando suas ações, mas também que na maioria dos casos o caráter permanecia constante de geração para geração na mesma família⁶³. A formulação *talis hominibus fuit oratio qualis vita* de Sêneca⁶⁴ caberia aqui para ilustrar nossa convicção de que Cícero não vê tal descontinuidade entre sua vida e sua eloquência.

⁶² “Here one finds, recast in Latin terminology, the triadic foundation of *pisteis* upon which Aristotle based his work on oratory: *ethos* = “the winning of our hearer’s favor”; *pathos* = “the rousing of their feelings”; and *logos* = “the proof of our allegations”. The three tasks required of the orator, *probare/docere*, *conciliare/delectare*, and *mouere*, are mentioned repeatedly by Cicero (...) and might almost be regarded as the informing principle of his rhetorical system” (May, 1988, p. 4).

⁶³ No entanto, para Catão, o Velho, as ações sábias e todas as más sortes são alheias *eane fieri bonis, bono genere gnatis, boni consultis* (May, p. 6).

⁶⁴ Sêneca diz fazer menção a um provérbio grego, cf. *Ep.* CXIV, I.

É interessante observarmos que não há em nenhum tratado de retórica latina que tenha chegado aos nossos dias uma só palavra que corresponda diretamente a *ethos*. No primeiro século d.C., Quintiliano, por exemplo, vale-se da palavra grega afirmando não haver um equivalente latino; vejamos:

Ora, segundo a tradição dos antigos, são dois os modos de persuasão: um é chamado pelos gregos de *pathos*, termo que nós traduzimos corretamente e precisamente por **afeto** (*adfectus*); o outro é o *ethos*, termo a que, pelo menos em minha opinião, falta equivalência na língua latina – nós o tratamos por **moralidades** (*mores*) e é disso que vem o fato de aquela parte da filosofia *ethike* ser dita moral⁶⁵ (tradução e grifo nosso).

Contudo, tanto Quintiliano quanto Cícero aproximam *ethos* das palavras latinas *mores* e *natura*⁶⁶, embora Quintiliano afirme que os escritores mais cautelosos preferiam transmitir o sentido da palavra ao invés de traduzi-la⁶⁷. Cícero, diferentemente, usa com mais frequência as palavras *conciliare* e *delectare*, relacionadas à sua discussão acerca dos três ofícios do orador para transmitir o conceito retórico de *ethos*, de seu papel no discurso e do dever do orador em empregá-lo.

Cícero, ao usar a palavra *conciliare*, muda o foco da representação do orador para a sua ação. Além disso, o conceito de *ethos* apresentado pelo Arpinate tem um caráter muito mais amplo do que aquele apresentado por Aristóteles: trata-se de um *ethos* mais complexamente associado ao discurso.

⁶⁵ *Horum autem, sicut antiquitus traditum accepimus, duae sunt species: alteram Graeci pathos uocant, quod nos uertentes recte ac proprie adfectum dicimus, alteram ethos, cuius nomine, ut ego quidem sentio, caret sermo Romanus: mores appellantur, atque inde pars quoque illa philosophiae ethike moralis est dicta. (Instit. orat., 6, 2, 8).*

⁶⁶ May, 1988, 5.

⁶⁷ *Instit. orat.*, 6, 2, 9.

No entanto, é importante observarmos que a associação feita por Cícero entre o termo latino *conciliare* e o grego *ethos* não é explícita nem no *Brutus*, nem em suas demais obras de preceptiva retórica, nas quais os termos gregos são evitados. Em uma importante passagem do *De oratore* (II,182), Antônio explicita as características éticas de um bom orador:

Tem muita força, então, para a vitória, que se aprovelem o caráter, os costumes, os feitos e a vida dos que defendem as causas e daqueles em favor de quem as defendem, e, do mesmo modo, que se desaprovelem os dos adversários, bem como que se conduzam à benevolência os ânimos daqueles perante os quais se discursa, tanto em relação ao orador como em relação ao que é defendido pelo orador. Cativam-se os ânimos pela dignidade do homem, por seus feitos, por sua reputação; pode-se orná-los com maior facilidade, se todavia existem, do que forjá-los, se absolutamente não existem. **Ora** (*Sed*), são vantajosos, no orador, a **brandura** (*lenitas*) da voz, a expressão de pudor no rosto, a afabilidade nas palavras e, se acaso fazes alguma reivindicação com maior rispidez, parecer fazê-lo contrariado e por obrigação. Exibir sinais de afabilidade, generosidade, **brandura**, devoção e de um ânimo grato, não ambicioso, não avaro, é extremamente útil; e tudo aquilo que é próprio de homens honestos, modestos, não de homens severos, obstinados, contenciosos, hostis, granjeia enormemente a benevolência e a afasta daqueles em que tais elementos não estão presentes; sendo assim, esses mesmos elementos devem ser lançados contra os adversários de maneira inversa⁶⁸ (tradução A. Scatolin, grifo nosso).

⁶⁸ *Valet igitur multum ad uincendum probari mores et instituta et facta et uitam eorum, qui agent causas, et eorum, pro quibus, et item improbari aduersariorum, animosque eorum, apud quos agetur, conciliari quam maxime ad beneuolentiam cum erga oratorem tum erga illum, pro quo dicet orator. Conciliantur autem animi dignitate hominis, rebus gestis, existimatione uitae; quae facilius ornari possunt, si modo sunt, quam fingi, si nulla sunt. Sed haec adiuuant in oratore: lenitas uocis, uultus pudoris significatio, uerborum comitas; si quid persequere acrius, ut inuitus et coactus facere uideare. Facilitatis, liberalitatis, mansuetudinis, pietatis, grati animi, non appetentis, non auidi signa proferre perutile est; eaque omnia, quae proborum, demissorum, non acrium, non pertinaciu. non litigiosorum, non acerborum sunt, ualde beneuolentiam conciliant abalienantque ab eis, in quibus haec non sunt; itaque eadem sunt in aduersarios ex contrario conferenda (De oratore, II, 182).*

Cícero assinala, assim, que os juízes devem ser conquistados pelo orador⁶⁹ e, para tanto, faz-se necessária a *lenitas*. O conceito de *lenitas* é importante na retórica ciceroniana, pois permite estabelecer um ponto de contato entre os aspectos éticos e estruturais do discurso⁷⁰. No que diz respeito à decisão, a *lenitas* é a qualidade da deliberação sábia e misericordiosa dos juízes em relação à justiça⁷¹. Para Fantham⁷², isso teria uma correspondência bem próxima ao conceito aristotélico de ἐπιείκεια⁷³, mas em sentido mais geral⁷⁴; ἐπιείκεια – moderação – é um importante elemento para o ideal de *ethos*, no qual Aristóteles define o seu orador. Fantham acredita que a escolha de Cícero acerca dos conceitos de *lenis* e *lenitas* lhe permitiram incluir conotações estruturais que não estavam presentes na ἐπιείκεια aristotélica.

Como pudemos observar, Cícero revela também nessa passagem as características éticas de um bom orador. Na segunda parte de sua fala (iniciada pela conjunção adversativa *sed*), o autor afirma, porém, que mesmo um orador sem tais méritos poderia compensar certas deficiências através de recursos como a *lenitas*. Esse recurso seria mais bem aproveitado, portanto, em casos em que há menor possibilidade de se inflamar o ânimo dos juízes. Antônio diz ainda que o orador que fizer terá um poder maior do que a própria causa em si⁷⁵.

Uma grande diferença entre o que nos diz Cícero e o que nos diz Aristóteles sobre o caráter do orador reside no fato de que para Aristóteles o *ethos* do cliente não era importante, visto que o orador desenvolvia seu discurso em primeira pessoa.

⁶⁹ Cf. ainda *De oratore*, II, 121 e 128.

⁷⁰ Cf. *De orat.*, II, 64 e *Orat.*, 53.

⁷¹ Cf. *Part. Orat.*, 78.

⁷² Fantham, 1973, p. 263.

⁷³ Cf. *Rhet.* 1.13.

⁷⁴ Cf. *Rhet.* 1.2. 1356.

⁷⁵ Cf. Fantham, 1973, p. 265.

Sendo assim, quando Aristóteles fala que o *ethos* do orador é o elemento mais importante⁷⁶ em uma causa, ele não está considerando o cliente, ou qualquer outra parte, na defesa. Isso porque na oratória forense grega era o próprio acusado que proferia o seu discurso⁷⁷. Cícero, então, adapta seu conceito à oratória romana, na qual as figuras do orador e do cliente estão presentes e são igualmente importantes em seu contexto.

Deste modo, o *conciliare* de Cícero tinha a função de criar confiança (*facere fidem*) tanto para o caráter e atitudes do defensor (*patronus*) quanto de seu cliente. Para Fantham, a escolha do verbo *conciliare* é muito apropriada para isso, como também para outras categorias de prova, justamente por se tratar de um verbo tão geral, o que evita a distinção entre o papel descritivo da prova “ética” e o papel emotivo da crença da parte dos ouvintes (*πιστις δια των ακροατων*).

⁷⁶ Cf. *Rhet.* 2.1.1355 a 1356

⁷⁷ Aristóteles não trata da figura do cliente a não ser na passagem 1.9.1366.

24 GENEALOGIA DO TALENTO: O *HOMO NOVVS* CICERONIANO NO *BRVTVS*

Se perseguimos desde o início deste estudo a construção do *ethos* de Cícero em seu diálogo sobre os oradores antigos, não seria prudente desatender à sofisticação da ironia em sua caracterização como homem novo. Não é discutível se a ironia deve ser convocada na leitura do *Brutus*, afinal é transparente que ela orbita o texto. A esse propósito, Ático menciona a Cícero, na passagem 292, que sua ironia deveria ser cotejada com a do Sócrates platônico.

“Está certo” – disse Bruto – “ainda que para mim essa tua digressão apresentada sobre a oratória tenha sido muito agradável”. Então, disse Ático: “Mais de uma vez tencionei interromper, mas não quis. Agora, já que teu discurso parece aspirar à peroração, direi, creio, o que penso”. “Certamente, Tito”, eu disse. Então ele disse: “Eu considero espirituosa e elegante aquela ironia que dizem ter tido Sócrates, da qual ele se vale nos livros de Platão, Xenofonte e Ésquines. Pois é próprio de um homem nada inepto e igualmente também espirituoso, quando se discute sobre sabedoria, negá-la em si mesmo e atribuí-la, ironicamente, àqueles que a adotam para si; como Sócrates, em Platão, que transporta Protágoras, Hípias, Pródico, Górgias e outros aos céus com panegíricos; no entanto, finge-se de ignorante de todas as coisas e inculto. Eu não sei de que modo isso lhe é conveniente, nem aprovo Epicuro, que repreendeu essa atitude. No entanto, na história (que tu usaste em todo o teu discurso ao expor o caráter de cada orador), vê, por favor” – ele disse – “que a ironia não é tão repreensível quanto em um testemunho”. “Aonde tu queres chegar?” – eu disse – “**Eu não estou entendendo.**”⁷⁸ (grifo nosso)

⁷⁸ *Sane quidem, inquit Brutus: quamquam ista mihi tua fuit periucunda a proposita oratione digressio. Tum Atticus: Aliquotiens sum, inquit, conatus, sed interpellare nolui. Nunc quoniam iam ad perorandum spectare uidetur sermo tuus, dicam, opinor, quod sentio. Tu uero, inquam, Tite. Tum ille: Ego, inquit, ironiam illam quam in Socrate dicunt fuisse, qua ille in Platonis et Xenophontis et Aeschini libris utitur, facetam et elegantem puto. Est enim et minime inepti hominis et eiusdem etiam faceti, cum de sapientia disceptetur, hanc sibi ipsum detrahare, eis tribuere illudentem qui eam sibi adrogant; ut apud Platonem Socrates in caelum effert laudibus Protagoram, Hippiam, Prodicum, Gorgiam, ceteros, se autem omnium rerum inscium fingit et rudem. Decet hoc nescio quomodo illum, nec Epicuro, qui id reprendit, assentior. Sed in historia, qua tu es usus in omni sermone, cum qualis quisque orator fuisset exponeres, uide, quaeso, inquit, ne tam reprehenda sit ironia quam in testimonio. Quorsus, inquam, istuc? non enim intellego (Brutus, LXXXV 292).*

Em face da imputação de ironia, o Arpinate reage ainda mais ironicamente e afirma: “*non enim intellego.*” Se expomos com clareza, isto significa que Cícero responde que não compreende a própria acusação da qual é autor.

No contexto do debate sobre a construção ética do nosso orador no diálogo a que nos dedicamos, defendemos que uma distinção de interesse seja estabelecida. Quintiliano notou que, ainda que o autor do *Brutus* seja dotado de modéstia, às vezes disse a verdade sobre sua eloquência⁷⁹. Ora, isso equivaleria a dizer que Cícero cantou louros próprios. Nesse parecer, o autor da *Institutio oratoria* revela grande precisão e também alguma severidade para com a retórica ciceroniana. Com efeito, é procedente que o “príncipe da eloquência romana” escreveu sobre si mesmo (eventualmente de maneira elogiosa) como no *De lege agraria*⁸⁰ e no trecho conclusivo do *Brutus*; no entanto, tentaremos indicar os cuidados de seu *ethos* virtuoso e, mais particularmente, do decoro modesto.

A questão da modéstia de Cícero no objeto deste estudo se articula funcionalmente no interior da tópica do *homo nouus* e da história dos oradores. A coesão que tentaremos evidenciar reúne a ascensão eloquente do homem novo às virtudes que ele associa a essa “novidade” e à progressão evolutiva da *ars oratoria*. Em outras palavras, esse orador seria novo pela história e pela virtude, distante dos velhos homens, marcados pela decadência. Embora *Brutus* seja o título da obra, ele certamente não é o eixo que deve orientar nossa leitura: em verdade, o diálogo contempla a morte decadente de um homem velho, que é Hortênsio, e celebra a sobrevivência heroica de

⁷⁹ Cf. *Instit. orat.*, II, XVII, 2.

⁸⁰ Cf. *De lege agraria*, II, 2,3.

um homem novo, que é Cícero. A *disputatio* não poderia ser mais clara, pois o falecido amigo é recoberto de loas e depois censurado por todas as faltas que o autor não reconhece em si mesmo, como o treino retórico insuficiente⁸¹.

Neste sentido, é prudente ressaltar que, entre as virtudes de Hortênsio, o *ingenium*, a *eloquentia* e a *nobilitas* estão entre as mais exaltadas. Por outro lado, Cícero evita reconhecê-las em si mesmo; prefere apropriar-se do *labor*, da *industria* e da *nouitas*. É naturalmente um jogo de sutileza irônica; afinal, o sucesso eleitoral do orador de Arpino é prova inevitável de engenho e de eloquência. Quanto à nobreza, os títulos de cônsul e de *pater patriae* o alçaram a altíssimo prestígio na sociedade romana. O comentador Dugan observa, a respeito do relativo silêncio sobre as próprias qualidades e da repreensão a Hortênsio, Calvo e outros oradores:

O *Brutus* é, portanto, simultaneamente uma história da ineloquência e da eloquência, de não-oradores e de oradores. [...] No entanto, a auto-apresentação de Cícero no interior do diálogo é deixada para que o leitor infira. Ático se recusa a dar a razão para sua opinião a fim de não parecer adular Cícero⁸².

A modéstia irônica se estende também sobre a memória de Hortênsio, oportunidade igualmente manifesta nas *Tusculanas*⁸³. Cícero, como historiador da retórica, pôde exibir sua oceânica erudição ao longo do *Brutus*, mas nesta obra é a mnemônica hortensiana que recebe deferência, não a sua própria (de fato, Quintiliano

⁸¹ *Brutus*, 327.

⁸² “The *Brutus* is therefore simultaneously a history of ineloquence and eloquence, of non-orators and orators. [...] However, Cicero’s self-presentation within the dialogue, is left for the reader to infer. Atticus refuses to give the reason for his opinion in order not to appear to flatter Cicero” (Dugan, 2005, p. 207).

⁸³ *Tusculanas*, I, XXIV, p. 59 in Yates, 2007, p. 66.

narra uma anedota sobre Hortênsio: teria lembrado de todos os numerosos objetos de um leilão e seus respectivos compradores⁸⁴).

É verdade que a memória, essa parte da retórica, como referida por Cícero, é uma “percepção firme, pela alma, das coisas e das palavras”⁸⁵. A este respeito, talvez o divórcio entre *res* e *uerba* mereça atenção, uma vez que o Arpinate provavelmente nos quer fazer crer que sua memória seria justamente aquela das **coisas** verdadeiras e boas; diversamente, a memória exaltada em Hortênsio é aquela que o autor do *Rhetorica ad Herennium* intitulou *memoria uerborum*, relativa à ordem e à precisão das **palavras**⁸⁶.

Como sugerimos, o *decorum* de Cícero o impede de se delongar sobre sua eloquência (apesar do conselho de Quinto expresso em seu manual do candidato⁸⁷), mas a instrução e o empenho são traços promovidos para diferenciá-lo de Hortênsio. O decoro também age sobre essa discriminação: o oponente e amigo de Cícero é tido, em sua maturidade, como possuidor de uma oratória inconveniente para a *uetustas* (velhice), que reclama gravidade e reverência. O autor do *Brutus*, por outro lado, mostra-se dotado de empenho; adequou doutamente a eloquência, pela prática diligente, ao peso que os anos incidiram sobre seu discurso.

Neste sentido, Calvo e o velho Hortênsio são duas faces diferentes da retórica falha da qual Cícero se retrata isento. O primeiro cumulava a oratória de eruditas instruções, de maneira que, por vezes, a audiência não reconhecesse as referências; Hortênsio, por sua vez, embora soubesse adornar o discurso e tivesse uma voz melodiosa e modulada, falhava em instruir-se na sua doutrina. Naturalmente, Cícero pôde assim distanciar-se de um exemplo de oratória aticista e de outro asianista.

⁸⁴ *Instit. orat.*, III, 3 in Yates, 2007, p.43.

⁸⁵ *M e m o r i a est firma animi rerum ac uerborum ad inuentionem perceptio* (*De inuentione*, I, 9).

⁸⁶ Cf. Yates, 2007, p.25.

⁸⁷ *Commentariolum petitionis*, I – III.

Ainda que Calvo acusasse o Arpinate de abusar de ornamentos e evitar a desnudez heroica do discurso, o *Brutus* é ocasião para Marco Túlio preceituar que a eloquência deve assumir a tarefa de construir discursos belos, dotados de variedade e adornos, porém correntes e que não apresentam obscuridade à audiência em função da escolha de palavras excessivamente desusadas ou em virtude da mobilização de um tema obscuro demais.

Os cuidados do *ethos* ciceroniano se sustentam na ampla importância do caráter como fonte de persuasão entre os romanos. Neste estudo, estendemo-nos em outra ocasião sobre o desafio de Cícero: opor seu caráter àquele da *nobilitas* sem comprometer o favor de sua audiência aristocrática. Em verdade, ainda que os romanos concebessem qualidades imanes e perenes ao *ethos* das pessoas e mesmo das famílias, é igualmente autêntico que um orador como Cícero tenha adequado a construção de sua *persona* de variadas formas e em face de diferentes contingências.

Poderíamos observar o Cícero das *Verrinas*: apoia-se, em mais de um momento, na oposição heroica ao poder corrompido. O contraste se valia da posição social desvantajosa do Arpinate (edil, funcionário romano de pouca relevância) em relação a Hortênsio (cônsul, magistrado de alto estatuto). É assim que o homem novo tenta afastar a *auctoritas* e a *eloquentia* de seu caminho contra o adversário. As *Verrinas* são tomadas por Cícero como oportunidade para construir seu caráter no interior de um discurso judicial com vistas a uma causa imediata (advogar contra Verres) e a uma causa ulterior (a candidatura) ⁸⁸.

O esforçado homem novo construído por Cícero é dotado de virtudes, como pudemos considerar anteriormente. Na mesma medida, os nobres associados a Caio

⁸⁸ Cf. *In Ver.* 2.3.7

Verres são destituídos de toda *aretē*. As qualidades virtuosas de Hortênsio são colocadas fora de questão, pois não estariam incluídas no propósito verrino: estariam divorciadas de sua verdadeira causa, que não seria honesta nem benevolente. James M. May considera que Cícero tenha deixado, nas Verrinas, seus “sentimentos reais” se mostrarem:

Estas são palavras de angústia, ressentimento, amargura e frustração que traem o solitário sentimento de rejeição, um sentimento que assombrou Cícero, ao menos intermitentemente, ao longo de sua vida. [...] Nas passagens citadas acima, a superfície [*veneer*] retórica se torna bastante fina, quase ao ponto da transparência, e os sentimentos reais [*real feelings*] de Cícero aparecem, como se ele estivesse falando para seu amigo Ático em uma carta, e não para juízes em uma corte ou para o público romano em geral⁸⁹.

Ora, o estudioso parece acreditar que Cícero não está no controle de sua oratória precisamente nos momentos mais eloquentes das *Verrinas*. É possível que tenhamos o direito de discordar dessa leitura: tais “sentimentos reais” não devem ser menos entendidos como efeito do controle habilidoso do artífice que outras paixões mobilizadas pelo Arpinate. Com efeito, desaconselharíamos pensar a eloquência na condição de camadas de retórica sobre a verdade íntima ou essencial do autor, que eventualmente se deixaria entrever.

⁸⁹ *These are words of anger, resentment, bitterness, and frustration that betrays the lonely feeling of rejection, a feeling that haunted Cicero, at least intermitently, throughout his life. [...] In the passages cited above, the rhetorical veneer wears quite thin, almost to a transparency, and Cicero's real feelings show through, as if he were speaking to Atticus in a letter, and not to judges in a courtroom or the Roman public in general* (May, 1998, p. 42).

Assim, antes de ser um Autor⁹⁰, Cícero é uma autoridade: advogamos que mais de dois mil anos de interpretação impuseram uma barreira intransponível para a leitura acurada de sua psicologia. Talvez seu discurso seja visto em sua luz mais favorável quando o entendemos todo em uma chave retórica. As passagens nas quais sua frustração relativamente à condição de *nouus homo* podem ser ou não expressão de seus “sentimentos reais”; na verdade, isso interessaria menos a esta leitura que a mobilização do homem novo como artifício persuasivo. A leitura medieval atribuiu a Ovídio a locução *ars est celare artem*: se Cícero nos parece sincero, é perfeitamente defensável advogar que isso seja por **efeito** da “superfície retórica” (em suma, da retórica) de que fala May, e não **apesar** dela. Sem dúvida, as batalhas reais tanto políticas quanto sociais que Cícero enfrentou em sua vida por ser um *homo nouus* contribuíram para formar sua teoria subsequente acerca do processo de autoformação no *De officiis*: somente cerca de quinze *noui* atingiram o consulado de 366 a 63 a.C.⁹¹. No primeiro livro do *De officiis*, por exemplo, o autor dá instruções precisas da conduta apropriada a um homem da aristocracia romana, que passam por higiene pessoal, conversação, gestos e até como encontrar uma casa adequada; enfim, ele explicita como cada ato em seu tempo era carregado de significado.

O objetivo geral do protocolo de Cícero era a manutenção da *persona* pública, que deveria ter uma imagem harmoniosa a partir de um conjunto de palavras e ações que estabelecessem um sistema de signos estável⁹². O objetivo da aprovação pública era alcançado a partir de um *decorum* que exigia simetria e consistência, unidade de forma e conteúdo, que Cícero expressou mais uma vez com a metáfora do corpo humano.

⁹⁰ Isto é, um autor em suas qualidades como instituição moderna, entronizada nos séculos XVIII e XIX.

⁹¹ Dugan, p.7.

⁹² Cf. *De off.* I, III

Nossa visita a essas obras ciceronianas anteriores ao Consulado não deve ser interpretada como uma digressão arbitrária. Trata-se, pelo contrário, de uma abordagem que possa pôr em perspectiva a mobilização do *homo nouus* nos últimos dias e na juventude do orador republicano. A observação dos trechos das Verrinas pode explicitar como Cícero se valeu da *nouitas* para destacar sua posição desvantajosa diante de rivais munidos da boa vontade dos nobres – como é o caso de Hortênsio. No *Brutus*, diferentemente, a *nouitas* é articulada mais como índice de autoridade e dignidade (senão de eloquência), pois é amostra dos obstáculos que seu talento e diligência puderam superar. Assim, a condição de *nouus homo* de Cícero serviu, em sua carreira, a dois propósitos: inicialmente, reclamar a benevolência da audiência através da afirmação de desvantagem; mais tarde, dotar seus feitos de gravidade para coagir com maior eloquência.

O *ethos* ciceroniano encontra, assim, um componente versátil na *nouitas*. O *Brutus*, como obra de prevalente interesse político⁹³, liga-se às condições sócio-históricas para recobrir de virtudes o caráter de Cícero; seu *ethos* é aquele de um homem novo de talento em tempos difíceis; sua *aretē* tem mais utilidade que nunca para o bem e a verdade da *Pōlis*:

O caráter enquanto fonte de matéria persuasiva permanece importante, todavia; de fato, o *ethos* em um discurso composto sob essas circunstâncias é frequentemente provido de uma dimensão adicional. [...] Seja como for, sua presença é sentida e a resposta que o orador elabora para ela é na

⁹³ O projeto de mestrado, recentemente submetido a julgamento e aprovado no último processo seletivo da Pós-graduação em Linguística no IEL/Unicamp, a ser desenvolvido a partir do próximo ano, será a oportunidade, entre outras questões, de observar o *Brutus* em seu viés político de reação à ditadura de César.

maioria das vezes mais baseada no *ethos* que em seu parente próximo, *pathos*⁹⁴.

Dessa forma, o *ethos* é um pressuposto funcional relevante nos discursos de Cícero. Como construção ética, a *persona* de Cícero se vale de numerosos *tōpoi*; entre eles, destacamos o homem novo, sobretudo em seu emprego no diálogo *Brutus*.

Se a ideia de “novidade” foi especialmente focalizada em nosso estudo, é por ser evidente que o sintagma *homo nouus* não enfatiza igualmente os dois termos que o compõem. Assim, o termo *homo* certamente não deve ser entendido, em sentido estreito, sob uma dimensão masculina. No entanto, uma analogia de virilidade serviu tradicionalmente às preceptivas que comentam⁹⁵ os textos antigos; é por isso que Cícero teve de defender sua oratória da acusação (por exemplo, da parte de César) de ser afeminada. Ademais, o autor aproveitou a oportunidade quando pôde imputar esse estigma aos discursos de Hortênsio.

Nos últimos trechos de *Brutus*, Cícero descreve seu próprio corpo e a adequação entre a oratória e a constituição física que deve existir em um especialista na arte da eloquência.

313 Agora, uma vez que parece que tu queres conhecer-me completamente, não por algum sinal natural ou pelo berço, mas por tudo que sou, abarcarei também algumas coisas que talvez pareçam menos importantes. Naquele

⁹⁴ *Character as a source of persuasive material nevertheless remains important; in fact, ethos in a speech composed under these circumstances is often granted an added dimension. [...] At any rate, its presence is felt and the response that the orator makes to it is more often than not based in ethos or in its close relative, pathos* (May, 1998, p. 128).

⁹⁵ Evitamos a palavra “crítica” e vocábulos que lhe fossem associados. A “crítica literária” é uma abstração impensável nos anos de Cícero, uma vez que a autonomização da chamada arte literária é estrangeira a esse tempo; mesmo hoje, é corrente há apenas alguns séculos. Talvez essa atenção faça alguma justiça às práticas letradas implicadas na circulação e na recensão de textos no período. A ideia de um “crítico literário”, *per se*, seria uma figura inexistente entre os Antigos. De resto, após o idealismo alemão, a crítica e o crítico foram carregados de uma acepção incômoda para pensarmos até mesmo o *criticus* do primeiro século a.C.

tempo, eu tinha um corpo extremamente magro e fraco, um colo longo e delicado; acredita-se que essa aparência e forma não estão distantes de um risco de morte se somadas ao trabalho e a um grande esforço dos pulmões. Esse fato preocupava mais aqueles para os quais eu era querido, porque eu falava tudo sem baixar o tom de voz, sem variedade, com a força máxima da minha voz e com o esforço do meu corpo inteiro. **314** Desse modo, enquanto amigos e médicos me exortavam a desistir de atuar em causas públicas, pensei que eu deveria ser mais capaz de enfrentar qualquer perigo do que de me afastar da esperada glória do dizer. No entanto, eu acreditava que, baixando e moderando o tom de voz, e mudando o gênero de eloquência, eu poderia evitar o perigo e falar com mais temperança; aqui está o motivo pelo qual eu parti para a Ásia: mudar meu uso oratório. Assim, então, depois de ter me ocupado com causas por dois anos e quando no fórum meu nome já tinha se consagrado, parti de Roma⁹⁶.

Dessa maneira, o Arpinate observa que seu corpo pouco robusto e seu pescoço delicado no começo da carreira eram inadequados ao tipo de oratória que adotava. Após a viagem à Ásia Menor, uma nova eloquência, própria à compleição nova de Cícero, teria sido fruto de seu treino e tenacidade.

A questão da masculinidade está presente nos moldes do princípio da correlação entre a vida e o discurso do orador, bem como a novidade dos rumos de sua eloquência. Atentos a esse tema, recordamos que Tácito no *Dialogus* nos dá a conhecer algumas opiniões expressas nas correspondências entre Cícero, Bruto e Calvo:

⁹⁶ **313** *Nunc quoniam totum me non naeueo aliquo aut crepundiis, sed corpore omni uideris uelle cognoscere, complectar nonnulla etiam quae fortasse uideantur minus necessaria. Erat eo tempore in nobis summa gracilitas et infirmitas corporis, procerum et tenue collum; qui habitus et quae figura non procul abesse putatur a uitae periculo, si accedit labor et laterum magna contentio. Eoque magis hoc eos quibus eram carus commouebat, quod omnia sine remissione, sine uarietate, ui summa uocis et totius corporis contentione dicebam. 314 Itaque cum me et amici et medici hortarentur ut causas agere desisterem, quoduis potius periculum mihi adeundum quam a sperata dicendi gloria discedendum putauit. Sed cum censerem remissione et moderatione uocis et commutato genere dicendi me et periculum uitae posse et temperatius dicere, ut consuetudinem dicendi mutarem, ea causa mihi in Asiam proficiscendi fuit. Itaque cum essem biennium uersatus in causis et iam in foro celebratum meum nomen esset, Roma sum profectus. (Brutus, 313, 314).*

Acaso podemos duvidar que houvesse aqueles que admiravam mais Ápio Cego do que Catão? Sabemos que nem mesmo Cícero ficou livre de detratores, para os quais ele parecia imodesto, tímido e não suficientemente conciso, mas, sobre tudo, excessivo, redundante e pouco aticista. Vós certamente lestes as cartas que Calvo e Bruto enviaram a Cícero, das quais podemos facilmente subsumir como Calvo parecia a Cícero pálido e magro; e Bruto, por outro lado, lhe parecia prolixo e desconexo; e como Cícero, reciprocamente, foi acusado por Calvo de ser frouxo e **efeminado** (*eneruem*) e por Bruto, por outro lado, – para usar suas próprias palavras –, “desarticulado e **emasculado**” (*elumbem*)⁹⁷. (grifo nosso).

O lugar comum da modéstia na aparência masculina é copioso em textos latinos. Neste sentido, o problema que a autoridade romana contempla na defesa de seu estilo (*stilus*) é que os adornos de sua retórica não fossem considerados uma fuga à virilidade, uma oposição à nudez heroica e masculina dos textos dos aticistas⁹⁸, entendida como uma qualidade do estilo afeta às virtudes do *ethos*. Assim, o *homo nouus* que é Cícero considera que o velho Hortênsio afeminava sua eloquência pelo mau uso do estilo, que deveria cortar, tanto do discurso como das tabuinhas, os enfeites excessivos. Portanto,

⁹⁷ *Num dubitamus inuentos qui prae Catone Appium Caecum magis mirarentur? Satis constat ne Ciceroni quidem obtrectatores defuisse, quibus inflatus et tumens nec satis pressus, sed supra modum exsultans et superfluens et parum Atticus uideretur. Legistis utique et Calui et Bruti ad Ciceronem missas epistulas, ex quibus facile est deprehendere Caluum quidem Ciceroni uisum exsanguem et aridum, Brutum autem otiosum atque diiunctum; rursusque Ciceronem a Caluo quidem male audisse tamquam solutum et eneruem, a Bruto autem, ut ipsius uerbis utar, tamquam "fractum atque elumbem".* Tácito, XI-XX, 18.

⁹⁸ Se uma analogia fosse permitida, poderíamos recordar o código das artes visuais dos gregos, bastante observado pelos latinos: os deuses, nos mais das vezes, eram retratados nus; as deusas, diferentemente, eram raramente representadas nuas, com a exceção conveniente de Afrodite. A masculinidade do nu talvez se deva, ainda, à prática – exclusivamente masculina – de esportes no ginásio (cuja ideia de nudez é patente tanto em seu uso social como através da etimologia: γυμνός, nudez). Um historiador da arte observa, a esse respeito: “O retrato do nu feminino era uma impossibilidade na Grécia, pois no mundo grego o retrato do nu masculino tinha sua justificativa no lugar prevalente da nudez masculina na educação pública e na prática edificante dos atletas em festivais religiosos gregos.” (“The nude female portrait was an impossibility in Greece, because in the Greek world the nude male portrait was felt to draw its justification from the prominent place of male nudity in public education, and edifying practice of athletics at Greek religious festivals”) (*Hallet*, p. 219).

seria a escrita que teria assegurado ao autor do *Brutus* a grande virtude de sua oratória⁹⁹. Através dos apontamentos contra o antigo rival, Cícero afasta de si os estigmas de incontinência, extravagância e feminilidade.

A figura de Hortênsio serve ainda como ruptura do método do *De oratore* e do *Brutus*. No primeiro, o jovem Hortênsio aparece como o futuro da oratória nos trechos finais do livro terceiro¹⁰⁰; sua figura de orador ideal, no entanto, é eclipsada no *Brutus* através de uma morte prematura, que serve como álibi da investigação da morte da oratória em Roma. Assim, as diferenças de orientação e de atmosfera entre o *De oratore* e o *Brutus* são evidenciadas a partir do tratamento que essas obras dão à figura de Hortênsio: na primeira, temos a antecipação sanguínea de um futuro grandioso; na segunda, a resposta através da investigação de como Hortênsio teria falhado na realização desse potencial. Dessa forma, Cícero desvincula um possível futuro da realidade histórica evidente.

O papel de Hortênsio no *Brutus* parece ser, portanto, o de figura central que organiza o trabalho como um todo: Cícero usa a recente morte de seu amigo e rival como paralelo ao momento em que a oratória vê seu fim, com o fim da República. O autor faz com que sua obra funcione, dessa forma, como uma espécie de *laudatio funebris* sobre o cadáver da eloquência romana. Hortênsio é a articulação que o orador de Arpino elogia com vistas, afinal de contas, às qualidades de seu próprio estilo e de seu próprio *ethos*. Para isso, o Arpinate constrói o diálogo também com base nos elementos essenciais a um elogio fúnebre: elogio do *mos maiorum*, estabelecimento de

⁹⁹ Talvez fosse possível associar a depreciação do insuficiente treino da escrita à alegada memória divina de Hortênsio: o fármaco (remédio e veneno da memória, segundo o Sócrates platônico) da escrita obteve uma articulação favorável na persuasão de Cícero.

¹⁰⁰ Cf. *De orat.*, III, 228 e 229.

conexões genealógicas para, por fim, exortar a geração mais jovem e, em especial, exaltar sua própria figura histórica.

Desta forma, na teleologia elaborada por Cícero no *Brutus*, a oratória tem seu auge na *copia* ciceroniana. Sendo um *homo nouus*, a posição de Cícero dentro da cultura romana poderia ser entendida como a de criador de si mesmo. Como os romanos davam muita importância às origens familiares, o homem novo necessariamente era uma invenção de si.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos observar ao longo deste trabalho, o *ethos* descrito por Cícero em seus discursos está sempre extremamente influenciado e condicionado pelas idiossincrasias dos meios sociopolíticos da República romana, bem como pelas ações do “sistema judicial” de seu tempo.

A conclusão da obra é oportuna a seu autor, visto que no período de composição do *Brutus* a excelência oratória de Cícero estava sendo posta em questão por um grupo de jovens, oradores e também poetas, dentre os quais o próprio Bruto.

O autor de *Brutus* estabelece uma relação de necessidade entre o refinamento linguístico do cidadão e a convivência originada nas relações sociais com as famílias prestigiadas. Ora, na condição de *homo nouus*, pode parecer que esse homem se sabotaria à maneira de um *novato*, já que não veio à luz nesses ambientes exuberantes: Cícero conquistou a honra de uma cidadania que ele não herdou por nascimento.

No entanto, a ideia política que pode sustentar essa interpretação é a própria subversão da ideia de nobreza por nascimento. Dito de outra forma, podemos dizer que Cícero afirma sua *nobilitas* através de sua latinidade, entre outras provas – se adotarmos a maneira judicial de entender a causa. Seu refinamento como romano seria correlato ao seu refinamento como autoridade da língua dos romanos.

Como já pudemos formular, Cícero promove, em *Brutus*, uma teleologia evolutiva. Sua composição gravita em torno de si mesmo. Contudo, uma história progressiva considera que cada novo grande orador seria maior que o anterior. No tempo de Cícero, essa valorização recai sobre ele próprio, que seria o mais excelente retórico de seu tempo. Talvez seja por isso que o diálogo deve ser visto também como

um discurso sobre a recente morte da retórica: uma vez morta a eloquência, estaria impossibilitada a existência de um novo grande latino que pudesse superar Cícero em sua oratória.

Dessa forma, concluímos este estudo, meramente preliminar, que nos permitiu a prospecção de alguns aspectos promissores para o estudo das letras romanas antigas (e particularmente do diálogo *Brutus*, atribuído a Marco Túlio Cícero).

No primeiro semestre de 2012, iniciaremos uma pesquisa de Mestrado no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Marcos Aurelio Pereira, para dar continuidade aos questionamentos levantados neste trabalho. A problematização em torno do estatuto do homem novo e as relações de Cícero com a língua latina e a política de seu tempo devem figurar entre os tópicos contemplados na dissertação vindoura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EDIÇÕES DO *BRVTVS*

CICERO. M. T. *Brutus*. English translation by G. L. Hendrickson; *Orator*. English translation by H. M. Hubbell. London: Harvard University Press, 1997.

CICÉRON. *Brutus*. Texte établi et traduit par Jules Martha. Paris: Belles Lettres, 2002.

CICERÓN. *Bruto: de los oradores ilustres*. Introducción, traducción y notas de Bulmaro Reyes Coría. México (D.F.): UNAM, 2004.

_____. *Brutus et la perfection oratoire*. Traduit par François Richard. Paris: Garnier, 1934.

CICERONE. *Brutus*. Introduzione e commento di Francesco Galli. Milano: Carlo Signorelli, 1946.

_____. *Bruto*. Introduzione, traduzione e note di Emanuele Narducci. Milano: rizzoli, 2006.

OUTRAS OBRAS DE CÍCERO:

CICERO. *Epistulae ad familiares*. Cambridge University Press London, 1977.

_____. *The Verrine orations*. Cambridge, Mass.; London, Harvard University : W. Heinemann, vol. 9, 1989.

CICÉRON. *De l'orateur*. Texte établi et traduit par Edmond Courbaud. Paris: Belles Lettres, 1950.

_____. *Discours : Discours contre Q. Caecilius, dit "La Divination; Première action contre C. Verrès; Seconde action contre C. Verrès (livre premier: la préture urbaine)*. Texte établi et traduit par H. de la Ville de Mirmont. 4. ed. (rev. et corr.). Paris: Belles Lettres, 1984.

_____. *L'orateur ; Du meilleur genre d'orateurs*. Texte établi et traduit par Albert Yon. Paris: Belles Lettres, 1964.

CICERÓN. *El orador*. Traducción, introducción y notas E. Sánchez Salor. Madrid: Alianza, 2006.

DEMAIS TEXTOS ANTIGOS:

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.

_____. *Retórica das paixões*. Prefácio Michel Meyer; introdução, notas e tradução Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

[CÍCERO]. *Retórica a Herênio*. Tradução e introdução Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

DENYS D'HALICARNASSE. *Antiquités romaines*. Texte établi et traduit par Valérie Fromentin et Jacques-Hubert Sautel. Paris: Belles Lettres, 1998.

HESÍODO. *Os trabalhos e os dias*. Tradução, introdução e comentário Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 2006.

PLUTARQUE. *Les vies parallèles*. Texte établi et traduit par R. Flacelière et E. Chambry. Introduction et notes par Cl. Mossé. Paris: Belles Lettres, 1999.

QUINTILIEN. *Institution oratoire*. Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: Belles Lettres, 1975.

QUINTO CÍCERO. *Manual do candidato as eleições ; Carta do bom administrador publico ; Pensamentos politicos selecionados*. Tradução, introdução e notas de Ricardo Cunha Lima. São Paulo : Editora Nova Alexandria, 2000.

SENECA THE ELDER, *Declamations*. Cambridge, Mass.; London, Harvard University: W. Heinemann, vol. 1, 1974.

STRABO. *Geographia*. Chicago : Harvard University Press, 1924.

OBRAS DE REFERÊNCIA

ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots*. Paris: Klincksieck, 1951.

GAFFIOT, F. *Dictionnaire illustré latin-français*. Paris: Hachette, 1934.

HOWATSON, M. C. *The Oxford classical dictionary*. London: Oxford University Press, 1950.

_____. *The Oxford companion to classical literature*. New York: Oxford University Press, 1997.

SARAIVA, F. R. S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro: Garnier, 1993.

ESTUDOS MODERNOS :

AUVRAY-ASSAYAS, C. *Cicéron*. Paris: Belles Lettres, 2006.

BARTHES, R. A retórica antiga. In: COHEN, Jean et al. *Pesquisas de retórica*. Trad. de Leda Pinto Mafra Iruzun. Petrópolis: Vozes, pp. 147-232, 1975.

BALSDON, J. P. V. D. The ides of march. *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, Stuttgart: Franz Steiner Verlag vol. 7, No. 1, p. 80-94.

BRUNT, P. A. Nobilitas and novitas. *The Journal of Roman Studies*, Vol. 72, pp. 1-17, 1982.

CHIAPPETTA, A. Retórica e crítica literária na Antigüidade. *Phaos*, Revista de Estudos Clássicos, vol. 1, p. 39-60, 2001.

CLASSEN C. J. *Diritto, retorica, politica: la strategia retorica di Cicerone*. Traduzione di Paola Landi. Ed. Lucia Calboni Montefusco. Bologna: Il Mulino, 1998.

DUGAN, J. *Making a new man: Ciceronian self-fashioning in the rhetorical words*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

FANTHAM, E. Ciceronian *conciliare* and Aristotelian *ethos*. *Phoenix*, Vol. 27, No. 3, pp. 262-275, 1973.

FEDELI, P. *Quinto Tullio Cicerone. Manualetto di campagna elettorale (commentariolum petitionis)* presentazione di Giulio Andreotti. Roma: Salerno editrice, 2006.

GOLDBERG, S. *Epic in republican Rome*. Oxford: University Press: 1995.

GRIMAL, P. *Cicéron*. Paris: Fayard, 1986.

_____. *Etudes de chronologie cicéronienne: (années 58 et 57 av. J.-C.)*. Paris: Belles Lettres, 1967.

HALLET, Christopher H. *The Roman nude*. Oxford: University Press: 2005.

HENDRICKSON, G. L. Literary sources in Cicero's *Brutus*. *The American Journal of Philology*, Vol. 27, No. 2, pp. 184-199, 1906.

HINDS, S. *Allusion and intertext: dynamics of appropriation in Roman poetry*. Cambridge: University Press, 1998.

JESUS, C. R. R. *Orator e a prosa rítmica: introdução, tradução e notas*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: Unicamp, 2008.

KENNEDY, G. A. *Classical rhetoric and its christian and secular tradition. From ancient to modern times*. Chapel hill: The University of North Carolina Press, 1998.

LAUSBERG, H. *Manual de retórica literaria: fundamentos de una ciencia de la literatura*. Versión española de José Pérez Riesco. Madrid: Gredos, 1976.

LIMA, S. C. *A exposição da ética de Epicuro no De finibus de Cícero*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: Unicamp, 2004.

_____. *Aspectos do gênero dialógico no De finibus de Cícero*. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas, 2009.

MAY, J. M. *Trials of character: the eloquence of ciceronian ethos*. Chapel Hill and London: University of North Carolina Press, 1988.

_____. Cicero as Rhetorician, in DOMINIK, W. J. and HALL, J. (org.), *A companion to Roman rhetoric*. Oxford: Blackwell, 2007, pp. 250-63.

NARDUCCI, E. *Introduzione a Cicerone*. Roma: Laterza, 2009.

_____. *Brutus: The History of Roman Eloquence in Brill's companion to Cicero: oratory and rhetoric*. Ed. James M. May. Leiden/ Boston/ Köln/ Brill, 2002.

PARATORE, E. *História da literatura latina*. Trad. Manuel Losa. Lisboa: Gulbenkian, 1987.

PITA, L. F. D. *Visões da identidade romana em Cícero e Sêneca*. Tese (Doutorado em Letras). Rio de Janeiro: UFRJ, 2010.

PLEBE, A.; EMANUELE, P. *Manual de retórica*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PROST, F. *Quintus Cicéron: le petit manuel de la campagne électorale (Commentariolum petitionis)*, Tulliana, 2009.

ROBINSON, E. A. "The date of Cicero's Brutus". *Harvard Studies in Classical Philology*, Vol. 60, pp. 137-146, 1951.

SHACKLETON BAILEY, D. R. *Nobiles and novi* Reconsidered. *The American Journal of Philology*, Vol. 107, No. 2, pp. 255-260, (Summer) 1986.

SCATOLIN, A. invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares I, 9, 23. Tese (Doutorado em Letras Clássicas). São Paulo: USP, 2009.

SUMNER, G. V. *The orators in Cicero's Brutus: prosopography and chronology*. Toronto: University of Toronto Press, 1973.

YATES, F. *A arte da memória*. Tradução Flavia Bancher. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.